

FOTOGRAFIA: O PASSADO NO PRESENTE

Rogério Luiz Silva de Oliveira¹⁰⁸
(UESB/CNPq)

Edson Silva de Farias¹⁰⁹
(UnB)

RESUMO

Este é um exercício teórico acerca da memória e do modo como o referido debate pode ser aplicado à leitura da imagem fotográfica. Leva-se em consideração o modo como o conceito de memória aparece no pensamento dos filósofos David Hume, Henri-Bergson e Gilles Deleuze, com o objetivo de estabelecer um referencial teórico que sirva de suporte para entender em que dimensão a fotografia se relaciona com essa faculdade. O texto prioriza a importância das sensações presentes no processo de recriação de cenas passadas e o papel dos signos na relação entre passado e presente.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Memória; Passado; Presente.

INTRODUÇÃO

O passado é uma sucessão de acontecimentos que jamais será contemplado em sua totalidade. Partimos do entendimento da memória, portanto, como a criação do passado. Diante dele, acredita-se ser a fotografia um artefato utilizado no modo como o criamos e imaginamos. Por meio dela, temos um acesso limitado ao real. Ela não dá a dimensão precisa daquilo que está retratado. Ela traz, ocultamente, uma história, cujos mínimos detalhes são, em sua completude, desconhecidos.

Ao nos depararmos com signos, como os explicitados em imagens fotográficas de situações que nos são inéditas, nos deparamos com mundos que foram criados sem nós, que foram formados com outras

¹⁰⁸ Graduado em Comunicação Social e mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente é professor do curso de Cinema e audiovisual na mesma Instituição.

¹⁰⁹ Professor Doutor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília – Unb.

peçoas, para ficar numa definição deleuziana. Nessa perspectiva, a fotografia é dotada de signos, cujo entendimento requer uma interpretação. Na concepção do referido autor, é como se uma fotografia consistisse no mesmo que países desconhecidos, inacessíveis.

Diante dessa delimitação da atuação da linguagem fotográfica, é possível submeter a fotografia à análise sob a perspectiva do debate sobre a memória. Levamos, sim, em consideração os conceitos trabalhados por Gilles Deleuze. Antes, porém, estabelecemos uma argumentação que perpassa o pensamento de David Hume e de Henri Bergson. Neste texto, nos interessa demarcar o campo onde é possível estabelecer uma discussão de memória aplicável à observação da fotografia.

MATERIAL E MÉTODOS

Em busca da argumentação que nos leva a entender a fotografia como um processo de criação de passados, lançamos mão de uma análise que leva em consideração as contribuições dos filósofos David Hume, Henri Bergson e Gilles Deleuze, priorizando os conceitos deste último no que diz respeito ao debate sobre a memória.

Neste sentido, sublinha-se as evidências que emanam dos escritos humeano e bergsoniano, em suas obras *Tratado da Natureza Humana* e *Matéria e Memória*, respectivamente, a fim de traçar o caminho que leva à ideia a ser posteriormente apropriada por Deleuze, no que diz respeito ao entendimento da noção de memória como um processo de atualização de fatos passados com base nas sensações presentes. Enquanto para Hume, a memória é uma faculdade a ser explicada a partir da comparação com a ideia de imaginação, em Bergson ela é possível a partir do que chama de elementos sensório-motores. O que significa dizer que o corpo age de forma determinante no momento em que a memória atua. Lemos o passado com base no que nos é presente, a partir de sensações atuais. A junção destas duas

concepções resultará no pensamento deleuziano em torno da memória que, associados aos signos da concepção de Charles Sanders Peirce, compõe um entendimento de memória aplicável à litura da imagem fotográfica de um modo geral. Contrói-se esta ferramenta, portanto, com a intenção de apresentar uma forma possível de análise da fotografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão proposta nos permite entender que uma imagem antecipa outra imagem. Procedimento que, nessa linha de pensamento, é o que se pode definir, portanto, como memória. Ou seja, não se aborda a memória como a faculdade de lembrar, mas a recriação de um acontecimento com base no que nos é presente.

A fotografia de uma cena passada traz, sim, dificuldades interpretativas. Aquilo que apreendo de uma imagem fotográfica é muito mais relacionado ao meu repertório de conhecimento, do que à realidade fotografada. A relação que estabelecemos com ela é de cunho interpretativo. A partir de signos imagéticos, entramos como que num jogo de decifração.

Num primeiro momento, a fotografia parece dar margem às investidas imaginárias. Porém, se avançamos no debate teórico apresentado, aquilo que poderia ser chamado de imaginação, na verdade, se trata de uma atualização. Quero dizer que, tal como propõe o debate bergsoniano, os elementos sensório-motores são fundamentais para qualificar esse ato como ligado à memória. O presente ajuda o leitor a ter algum tipo de acesso ao passado fotografado, levando em consideração o que é vivenciado hoje ou que foi vivido no passado do próprio leitor. Interpreta-se com o auxílio do corpo, tal como argumenta Bergson. Recorre-se ao lençóis do passado que cada um tem, reforça Deleuze.

Essa noção de memória é ainda complementada com as contribuições de Deleuze, principalmente no que diz respeito aos

signos. Para tanto, considera-se a classificação de Charles Sanders Peirce, que entende os signos como algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade. Isso significa dizer que o aprendizado possível diante das imagens se dá justamente nesse jogo de atribuição de sentidos e de correlações com o que se conhece previamente. Em certa medida, nessa liberdade de recorrer a um baú de lembranças próprias, há, sim, espaço para as investidas da imaginação. No entanto, elas não colocam essas lembranças num grau especulativo diante da cena retratada. Elas despertam lembranças de outra natureza, tão reais quanto as que se tornaram ocultas na fotografia.

CONCLUSÕES

Apreendemos, deste debate, que imagens do passado são muito mais apresentação de novas coisas do que, necessariamente, um instrumento de lembrança. Os signos que compõem cada imagem precisam de uma interpretação, num ato em que se considera as vivências atuais de quem as interpreta. É como se cada um tivesse um lençol próprio de passado, onde estão impressas as marcas de lembranças e que são determinantes no processo de leitura da imagem fotográfica.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Coleção Tópicos. Tradução Paulo Neves.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-movimento: cinema 1.** Introdução e tradução Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. **A Imagem-tempo: cinema 2. Tradução Eloísa de Araújo Ribeiro. Revisão filosófica Renato Janine Ribeiro.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Proust e os Signos. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

